

LUIS A. SENCOVICI



HISTÓRIA, COMÉRCIO E DINHEIRO

– UMA BREVE APRESENTAÇÃO –

EDITORA RECANTO DAS LETRAS

HISTÓRIA, COMÉRCIO
E DINHEIRO
- UMA BREVE APRESENTAÇÃO -

LUIS A. SENCOVICI

HISTÓRIA, COMÉRCIO
E DINHEIRO

– UMA BREVE APRESENTAÇÃO –

Editora RECANTO das LETRAS

© Luis A. Sencovici

Editora Recanto das Letras
editorarecantodasletras.com.br

Coordenadora editorial: Cassia Oliveira
Revisão do texto: Maciel Salles
Diagramação: Michael Douglas
Imagens: Depositphotos
1ª edição – setembro de 2020

Todos os direitos reservados.
A reprodução não autorizada desta publicação, no todo ou em parte, constitui violação de direitos autorais. (Lei 9.610/98)

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Sencovici, Luis A.

História, comércio e dinheiro : uma breve apresentação /
Luis A. Sencovici. -- São Paulo : Recanto das Letras, 2020.
196 p.

ISBN: 978-65-86751-23-9

1. Comércio - História 2. Dinheiro - História 3. Economia -
História 4. Política e governo - História I. Título

20-2489

CDD 380.9

Índices para catálogo sistemático:

1. Comércio - História

“**F**oi esta a origem do uso do dinheiro — algo de duradouro que os homens pudessem guardar, não perecível, e que por convenção aceita pudessem receber em troca os sustentáculos da vida verdadeiramente úteis, mas perecíveis.”

— John Locke

SUMÁRIO

Prefácio	9
Introdução	15
O que aconteceu na Europa após Roma e a Idade Média	19
A Igreja	25
O Império Bizantino	29
Cidades italianas e a Liga Hanseática	37
Um pouco mais sobre sistemas bancários	49
Espanha e Portugal	57
Mercantilismo	65
As Companhias das Índias	71
Dinheiro	81
O trabalho do dinheiro	87
Inflação	93
Um pouco mais sobre o dinheiro	103
Governo e impostos	113
Impostos	119
A Primeira Revolução Industrial	127
Pausa para Malthus	133
Impulsos da Revolução Industrial	141
Implicações da Revolução Industrial	147

Século XIX: o século que acabou em 1914	159
Discriminações étnicas	163
Problemas étnicos e outros interessados	169
Nacionalismo	173
Rivalidades	181
Epílogo	187
Referências bibliográficas	191
Notas de fim	195

PREFÁCIO

Há um bom tempo que existe o desejo do autor de poder compartilhar um pouco de seus livros com amigos, conhecidos e, quem sabe, mais alguns interessados. Este desejo deve existir talvez porque o autor foi professor durante um período de sua trajetória profissional, logo, há também o desejo de ensinar e tentar passar conhecimento. Quem esteve na sala de aula nesta posição sabe que isso é natural. É verdade que, no momento deste escrito, alguns anos se passaram sem que o autor tivesse retornado às salas de aula. São aqueles acontecimentos do destino e também profissionais, mas é bem provável que o presente escrito só pudesse ter sido realizado em razão de haver um certo distanciamento do mundo da educação e de uma mudança no campo de estudos que a nova ocupação profissional o levou.

Foram anos de aquisição de livros dos mais diversos assuntos, os quais envolviam história, economia, sociologia, política, filosofia, meio ambiente e, ainda, outros temas, muitas vezes levando em conta o momento acadêmico ou o gosto por um assunto que viesse o atrair.

Ao lê-los, o autor se encantava com aquele conhecimento transmitido, o que o fazia sentir uma vontade e necessidade imensa de poder compartilhá-lo. Não era justo que outros não pudessem aproveitar o que era transmitido por esses livros,

pois eles poderiam, pelo menos para algumas pessoas, mudar o modo de pensar de suas vidas.

Contudo, o desafio era grande. Como fazer que tais livros tão brilhantes pudessem ser apresentados, mesmo que brevemente, para as pessoas? Ainda mais: sendo muitas vezes de assuntos e, principalmente, tempos diferentes? Brevemente porque o autor sabe da resistência das pessoas em ler livros grandes, o que não deixa de ser uma pena, mas não as desmerece. Pois não é o tempo um fator de vida precioso, e lidar com ele não é uma daquelas tarefas mais difíceis do século XXI? Em relação a essas obras serem de tempos diferentes e assuntos diferentes, era necessário que se encontrassem temas não necessariamente comuns, mas que pudessem dialogar entre si. Então, tinha-se o desafio de ser um escrito breve, multidisciplinar e, além disso tudo, viável.

O diálogo de temas que são diferentes entre si não é tarefa simples, mas é algo que cada pessoa deveria tentar treinar, pois é um processo muito compensador e traz uma liberdade de pensamento que ela provavelmente não sabia que pudesse existir. Nesse sentido, o autor achou muita inspiração em um livro de Miriam Joseph, escrito ainda na distante década de 1930, a qual afirmava que uma educação baseada na lógica, gramática, retórica, aritmética, música, geometria e astronomia tinha o poder de formar pessoas realmente críticas sobre seus papéis no mundo. Atualmente, com o modelo de educação de massas, de incontáveis especializações e que é usado praticamente no mundo inteiro, esta é uma arte quase perdida.

Assim, ao procurar os temas mais comuns, evidente que não em todos os livros, foi possível o autor perceber que estes envolviam história, comércio e dinheiro. E agora se pode dizer de uma segunda condição que o autor se propôs: ele deveria, enquanto escrevesse, não adquirir nenhum livro novo, comprado ou emprestado. Deveria escrever com o que tinha em sua pequena biblioteca, o que lhe servia como um desafio a mais, bem como o fazia economizar dinheiro. E, além disso, o autor tinha, e tem, absoluta consciência que quem quiser se aprofundar ou mesmo buscar um material melhor, há milhares de escritos e autores que podem atendê-lo, como também pode aproveitar os livros da bibliografia deste escrito. Pode o autor falar sem reservas: são brilhantes.


Espera-se que quem venha a ler este pequeno escrito pegue gosto pelos temas abordados, pois foram eles que moldaram o mundo que nos é apresentado agora, em pleno século XXI. Se assim acontecer, pode o caro leitor perguntar a si mesmo: quem de nós, ou daqueles que passaram por este mundo nos últimos 1500 anos, pode negar que nossas vidas não foram moldadas pelo que aconteceu na história, comércio e dinheiro?

“O progresso do comércio exerceu considerável influência no polimento de maneiras das nações europeias e contribuiu para conduzi-las a ordem, a leis equânimes e a sentimentos de humanidade. As carências dos homens, no estado original e

mais simples da sociedade, são tão poucas, e seus desejos são tão limitados, que eles se contentam com os produtos naturais do clima e do solo em que habitam ou com eventuais acréscimos de sua própria e rudimentar indústria. Não têm nada de supérfluo a seu dispor e têm poucas necessidades a suprir. Cada pequena comunidade subsiste com suas reservas domésticas, e, contente com elas, ou desconhece os Estados à sua volta ou não se entende com eles. Sociedade e maneiras precisam ser consideravelmente aprimoradas, e muitas providências devem ser feitas, de ordem pública e segurança pessoal, antes que possa haver um intercuro mais livre entre diferentes nações. Constatamos assim que o primeiro efeito do assentamento dos bárbaros no Império foi a separação das nações que o poder romano havia reunido. A Europa foi dividida em muitas comunidades separadas. A comunicação entre esses Estados cessou quase totalmente, durante muitos séculos. A navegação era perigosa em mares infestados por piratas, e estrangeiros não podiam contar com boa acolhida em portos de nações incivilizadas. Mesmo entre partes longínquas de um mesmo reino, era difícil e raro o intercuro. A rapina ilegal dos banditti, juntamente com as tarifas legais dos nobres (não menos extorsivas e opressivas), tornava as viagens, de qualquer extensão, uma perigosa empreitada. Atrelados a

seu local de residência, a maioria dos habitantes da Europa perdera quase que totalmente o conhecimento de regiões remotas, ignorava seus nomes, localizações, climas e mercadorias.” (William Robertson, historiador escocês, 1721–1793)

INTRODUÇÃO

 comércio, para poder prosperar, precisa de condições de segurança, seja ela do tipo que assegure a vida das pessoas, isto é, que os comerciantes não estejam o tempo todo sujeitos a bandidos, salteadores e piratas que venham a atentar contra suas mercadorias e mesmo vidas, bem como segurança jurídica, papel este que o Estado, em tese, deve assegurar, pois sua existência principalmente se justifica por causa disto.

Na história do comércio, a reunião de condições ideais para que tal prática prosperasse não foi e não é algo comum. O Império Romano teve duração de praticamente seis séculos por reunir mais dessas condições, pois não seria possível que tivesse sobrevivido durante tanto tempo apenas por possuir exércitos muitíssimos preparados e uma vontade inesgotável de conquista de territórios alheios. A história conta outros impérios com também exércitos poderosíssimos com muita vontade de conquistar povos e território, contudo, tiveram uma duração curtíssima.

Se quiséssemos voltar mais ainda no tempo, poderíamos ver como os fenícios, que eram uma reunião de cidades pequenas, mas cujos cidadãos eram exímios comerciantes, puderam ter tamanha importância histórica. Sua pequena importância militar não os impediu de florescer e fundar cidades por todo o Mediterrâneo, o que, aliás, permitiu que uma cidade por eles fundada, Cartago, viesse a rivalizar com Roma, cujas guerras entre si mudaram a história do mundo.

Entretanto, no último quarto do século V, Roma caiu, e é convenicionado por historiadores que este fato histórico é o início do que hoje se denomina Idade Média. A queda do poder romano teve consequências bem problemáticas para o mundo que atualmente se denomina Ocidente, bem como para partes importantes do Oriente mais próximo. Entre as consequências mais importantes, dois meios de subsistência humana, comércio e dinheiro, tiveram sua existência muito comprometida, sendo que em muitos lugares chegaram a praticamente desaparecer. A volta desses dois fatores para o centro da vida das pessoas foi muito lenta, cheia de idas, vindas, conquistas e perdas, mas a verdade é que vieram, e mil anos depois mostravam que seu retorno era fortíssimo, culminando, nos séculos XVIII e XIX, numa revolução sem precedentes: a Revolução Industrial.

O presente escrito pretende contar o ressurgimento do comércio e do dinheiro pós-Império Romano, passando pela Idade Média, Renascimento, era das descobertas e a já citada Revolução Industrial e, como resultado de tudo isso, abordando a economia liberal. O fenômeno em voga termina em 1914, justamente o ano de início da Primeira Guerra Mundial, o que não foi sem propósito, pois este acontecimento solapou em muito o ambiente de liberdade econômica. A guerra mundial trouxe novamente os governos e Estados para dentro da vida das pessoas e, a despeito do discurso econômico liberal dos séculos XX e XXI, a verdade é que esse período não é nem sombra do que se teve de liberdade econômica no século XIX, que foram anos de conquistas impressionantes em termos de tecnologias, as quais permitiram que o ser humano pudesse chegar à marca impressionante de 7,6 bilhões de pessoas hoje

(há quem abomine tal crescimento, mas esquece-se que, se assim não tivesse acontecido, a chance de ter nascido para poder fazer essa crítica é estatisticamente bem pequena).

Apesar do foco no comércio e dinheiro, mais para o final do texto se vai a um cenário centrado em história e política, pois o que pode terminar com o comércio e o dinheiro são as políticas de governos equivocadas, e suicidas, de ataque a eles, como bem se observou em 1914. Não se conhece, na história, que comércio e dinheiro tivessem capacidade própria de autodestruição.

⊙ QUE ACONTECEU NA EUROPA APÓS ROMA E A IDADE MÉDIA



Ruínas de Roma

Não é possível dissociar o que aconteceu ao comércio na Europa das condições sociais que começaram a surgir após o desaparecimento do Império Romano. A queda de Roma teve consequências desastrosas para o comércio, o que levou a um tombo impressionante na qualidade de vida das pessoas que faziam parte de tão poderoso império, pois em pouco tempo descobriram que não possuíam mais renda, bem como um ente organizador político e social a que pudessem recorrer em caso de necessidade. Logo, perceberam que, com o fim do comércio, não só sua renda tinha se esvaído, mas suas vidas agora valiam muito pouco.

Desapareceu o império, mas as pessoas continuavam existindo. Havia os proprietários de terras, o que era símbolo

Se houve fatores que moldaram a história humana, dois deles, além de moldarem, também a mudaram: o comércio e o dinheiro.

O primeiro nasceu da natural vontade humana de querer aquilo que não tem, geralmente um recurso natural ou um derivado deste produzido por outrem. Diferentes grupamentos humanos, com diferentes necessidades, logo perceberam que trocar mercadorias era algo interessante que poderia melhorar suas condições de vida.

A consequência natural disso foi o dinheiro, pois o simples ato de trocar coisas cada vez mais diferentes mostrou-se bem difícil.

O crescimento do comércio e do dinheiro permitiu que cada vez mais pessoas desfrutassem de uma liberdade até então desconhecida, pelo menos no tempo de que se ocupa este escrito, isto é, do início da Idade Média até 1914. Esses fenômenos originaram a maior revolução humana: a Revolução Industrial.

O presente livro aborda não só esse desenvolvimento econômico como também as reações humanas a ele e seus complicados desdobramentos, que trouxeram novas revoluções; estas não mais tecnológicas, e sim políticas.

